**Armando Alves**

À custa de muita investigação interna e de muita renovação, por vezes considerada tarefa obrigatória, fez-se da pintura um terreno árido de emoções. Nada é mais distante da pintura deste sérvio de que esta frieza técnica. As obras de Mihajlovic atingem uma frontalidade e uma clareza de processos que emociona sempre e que chega mesmo a chocar. Num momento em que se observam numerosas obras que continuam a dar preferência àquilo que as ideias transmitem, mas que é difícil ver, este pintor dá toda a evidência ao que coloca sobre a superfície escolhida, com intensidade, com energia, com exacerbação. Por isso situa-se numa posição que não é vulgar, ansiando pelo reconhecimento daquilo que mostra, e mostra-o exaustivamente, sem rodeios.

A pintura é violenta, plena de força e de acção. Ainda que os objectos representados pareçam inertes, ainda que as figuras reveladas, nos seus rostos melancólicos, pareçam passivas, tudo apela à reacção, desencadeia perturbação e comoção. Mihajlovic constrói uma obra que marca a impossibilidade da indiferença, do conformismo, da resignação. Fá-lo com uma abertura transgressora das delicadezas forçadas e do bom humor correcto com que nos brinda muita da arte actual.

Uma tristesa profunda desprende-se destes quadros, também eles profundos, separa-se da sua escuridão, dos seus vãos abertos não se sabe em que direcção, da sua metéria rude e robusta, dos ambientes esfarrapados e degradados, da solidão das ruas e das arcadas, do abandono do pão sobre cadeiras esquecidas, da cruz. Descobre-se uma falsa serenidade, uma tranquilidade enganadora.

Colunas II, 76 X 95 cm, Óleo e terracota sobre MDF, 2003.

Não é calma o que transparece destes objectos e destes ambientes. É expectação, sentimento

muito diferente da calma. Ainda que a forma que tomam estes estados possa confundir-se, nem na sua origem eles são idênticos, nem na sua finalidade. E as peças de Mihajlovic não esperam passivamente, antes enfrentam com inquietação um mundo desoladar e deserto.

Adivinha-se ainda um desconforto dominante que se estende não só àqueles espaços representados, exteriores, mas que engloba também o espaço em que nos encontramos. Nele

somos colocados perante meteriais agressivos, medeiras recortadas que invadem o local da exposição, obrigando-nos a reagir. A criação artística é para Mihajlovic mistura de uma dimensão artesanal com uma erudição, que apenas se justifica por se tratar de transmitir convicções profundas e enraizadas.

*Texto de catalogo “Paisagens”, Galeria*

*da Praça, Porto, Novembro de 1997.*

**Armando Alves**

At the cost of many interior investigations and many renewals, sometimes considered as an obligatory task, a painting has turned into the ground barren of emotions. Nothing is more distant, from the work of this Serbian painter, than this technical coldness. The works of Mihajlovic attain a directness and clearness of processes that always bring emotions and sometimes can even shock. In the time in which we see, in numerous paintings preference continues to be on transmitting the ideas that are difficult to be seen, - this painter gives all the evidence of what he puts on the chosen surface, with intensity, with energy, with exacerbation.

Because of that he puts himself in a position that is not very common, longing for the recognition of what he is showing and he is showing it exhaustively, without subterfuge. The painting is violent, full of force and action. Although the represented objects seem inert, although the figures, with their melancholic faces, seem passive, everything calls for reaction,

unchains perturbation and commotion. Mihajlovic constructs the work that is marked by impossibility of indifference, of conformism and resignation. He does that openly, transgressing forced delicacy and politeness that plenty of the contemporary art has been offering us. A profound sadness sets loose from these paintings, they themselves profound, separates from darkness, from opened embrasures in an unknown direction, from rough and robust materials, from torn and degraded spaces, from solitude of streets and arches, from abandoned bread on a forgotten chair, from the cross. There is a presence of pretended serenity and deceiving tranquillity.Lagrimas I, 125 X 160 cm,

Óleo e pedras sobre madeira, 1999

It is not the calm that appears through these objects and spaces. It is expectation, the feeling very distant from tranquillity. Although, the form that these two states take, can be confounded,

neither in their origin nor in their purpose are they the same. And the works of Mihajlovic are not

passively waiting; they are rather facing with restlessness a desolated and deserted world.

A dominant discomfort can be sensed not only in represented spaces, but that also covers the space we are in. In it, we are put in front aggressive materials, peaces of wood that invade showroom, obliging us to react. An artistic creation is for Mihajlovic mixture of handcraft dimension and erudition, that justifies itself by transmitting profound and well rooted convictions

.

*Text from the Catalogue of the exhibition “Landscapes”, Galeria da Praça, Porto, November 1997.*